


ATRIBUNA

 FUNDADA EM 26 DE MARÇO DE 1894
 M. Nascimento Jr. (1909-1959)
 Giusfredo Santini (1959-1990)
 Roberto Mário Santini (1990-2007)

MARCOS CLEMENTE SANTINI
 Diretor-Presidente

ROBERTO CLEMENTE SANTINI
 Diretor-Vice-Presidente

RENATA SANTINI CYPRIANO
 Diretora de Marketing

FLAVIA CLEMENTE SANTINI
 Diretora de Circulação

PAULO NAEF
 Diretor-Superintendente

ARMINDA AUGUSTO
 Editora-Chefe

MÁRCIO DELFIM LEITE SOARES
 Gerente Comercial e Marketing

MARCO ANTONIO DA COSTA
 Gerente Industrial

A definição urgente sobre o Mergulhão

A conclusão do projeto executivo do Mergulhão – passagem subterrânea na Avenida Perimetral Portuária na região do centro de Santos – é chave para a continuidade da revitalização dos antigos armazéns 1 ao 8, que constitui o Programa Porto Valongo. É preciso ressaltar a importância dos dois projetos. De um lado, o Mergulhão é parte integrante do eixo de acesso ao Porto de Santos, implicando na eliminação definitiva do conflito rodoferroviário no Cais do Sabó, que torna hoje o tráfego na área difícil e sujeito a congestionamentos frequentes. Quando uma composição ferroviária corta a atual avenida – e isso acontece várias vezes por dia, dado o maior fluxo – há interrupções no trânsito por 20 minutos ou mais, formando longas filas de caminhões e automóveis.

A Avenida Perimetral Portuária, na sua margem direita (localizada na cidade de Santos), está implantada a partir do centro histórico até a Ponta da Praia, restando, porém, o trecho que liga a Via Anchieta ao Sabó-Valongo, e terminará com o Mergulhão. Em resumo: dele depende a finalização do eixo, fundamental para a total circulação de veículos no acesso ao Porto com rapidez e segurança.

A revitalização dos armazéns 1 ao 8, por sua vez, representa um projeto de expressiva envergadura, que criará um grande complexo de cultura, lazer, compras e entretenimento, capaz de propiciar investimentos, emprego e renda permanentes. Seguindo exem-

plos que existem hoje em todo o mundo, trata-se de recuperar áreas portuárias degradadas e dar a elas nova utilização. Já há uma proposta, que foi elaborada em 2012 pela empresa Ove Arup & Partners, contratada pela Prefeitura Municipal de Santos, e que prevê, entre outros equipamentos, uma marina com clube náutico, galerias de arte e restaurantes, um grande centro de negócios, com lojas e hotéis, museu portuário, além de um novo terminal de cruzeiros, com três berços de atracação e capacidade para receber 12.000 passageiros por dia.

A concretização desse projeto colocaria Santos na rota do turismo internacional, e daria grande impulso à revitalização do centro histórico da Cidade, que se integraria ao novo complexo. A grande questão hoje que impede a continuidade das ações é exatamente a definição sobre o Mergulhão. Sem ele, com uma avenida portuária movimentada com caminhões durante todas as horas e dias do ano, seccionando o acesso ao conjunto, inviabiliza-se sua revitalização.

Todas as atenções e esforços devem, portanto, convergir para a rápida definição sobre o Mergulhão. Os problemas surgidos – uma formação rochosa em seu futuro trajeto – precisam ser superados, alterando-se, se necessário, o projeto e sua extensão. O importante é decidir, dar continuidade ao projeto executivo da passagem, e realizar as obras correspondentes no menor prazo possível.

Marina Silva

Está praticamente confirmado o nome de Marina Silva como candidata a presidente da República. Passado o primeiro impacto da tragédia acontecida com Eduardo Campos, as atenções agora convergem para a continuidade do processo político, a menos de sete semanas das eleições e com o horário eleitoral no rádio e TV começando hoje.

A escolha de Marina Silva não causou surpresa. Ela era a candidata natural: com longa e bem sucedida trajetória política, tendo disputado a eleição presidencial e obtido 20 milhões de votos, e sendo a vice de Eduardo Campos, seu nome tornou-se praticamente unânime. As resistências em razão da sua não vinculação ao PSB foram deixadas de lado.

Pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha mostrou sua força. Ela se coloca em 2º lugar na corrida presidencial (em situação de empate técnico com Aécio Neves) e está quatro pontos à frente da presidente Dilma Rousseff em um provável 2º turno. Pode-se argumentar que a pesquisa foi feita no calor da comoção nacional provocada pela morte de Campos, o que certamente contribuiu para ampliar rapidamente a intenção de voto em Marina Silva. Mas os números confirmam o que todos os analistas previram: há um novo quadro eleitoral.

A grande questão é saber se a candidata Marina Silva será capaz de manter – e até de ampliar – os números atuais. Essa é uma pergunta ainda sem resposta, que vai depender do

que acontecerá nos próximos dias e semanas. Toda a atenção do País está agora voltada a ela. As pessoas querem ouvi-la e conhecê-la melhor, saber-se, afinal, ela representa a alternativa à polarização PT-PSDB, e o que terá a oferecer para o futuro do Brasil.

Qualquer deslize ou discurso equivocado poderá ser fatal. Seus adversários não a atacarão direta e frontalmente, mas tentarão mostrar suas deficiências. Muitos afirmam que ela não tem o jogo de cintura político de Eduardo Campos, capaz de promover alianças e ampliar apoios. Mas enganam-se os que pensam que ela é ingênua ou inexperiente. E sua candidatura, em 2014, será distinta de 2010. Agora, não se trata de uma tentativa de marcar posições ou ganhar espaços: há a possibilidade real de conquista do poder.

Um exemplo disso foi sua postura em relação ao ex-ministro Ciro Gomes no velório de Eduardo Campos. Ciro, reconhecido por sua personalidade forte e difícil, é, entretanto, uma importante liderança no País, especialmente em seu estado, o Ceará. Ela não hesitou em tentar atraí-lo para si, ao dizer a ele: “Tenho saudade do Ciro que me ajudou”.

Haverá, entretanto, muitos problemas. Marina terá que se equilibrar entre os ideais “sonháticos”, capaz de atrair os descontentes e que querem mudanças profundas, mas ao mesmo tempo revelar-se pragmática quanto à economia e ao desenvolvimento. Há uma certeza: sua tarefa não será fácil ou tranquila.

Opinião

Do leitor

As cartas enviadas à *Tribuna do Leitor* devem conter nome, endereço, telefone e RG. O tamanho dos textos não pode ultrapassar 900 toques, incluindo os espaços. As cartas que não obedecerem esta orientação serão desconsideradas, bem como e-mails anexados.

E-MAIL

leitor@atribuna.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR

Telefone: 0800-727 7710

REDAÇÃO

Rua João Pessoa 129, 3º andar, Centro Santos, São Paulo. CEP 11013-900

Acidente aéreo

Gostaria de tecer loas ao piloto do avião que caiu em Santos, uma vez que o mesmo, com a frieza dos pilotos de aeronaves, teve a lucidez de, sabendo que iria cair, procurar uma área vazia, ou seja, terreno. Fico imaginando se o mesmo tivesse batido em alguns daqueles prédios dos lados. Foi, sem dúvida nenhuma, uma tragédia, que, tomara, não volte a acontecer, mas seria de proporções inimagináveis, não fosse o sangue frio e a destreza do piloto.

JOSÉ ALBERTO CLEMENTE - SANTOS

>> Como pode uma cidade como a de Santos, estratégica para exportação para o mundo inteiro, uma grande logística naval, que tem uma base aérea da Aeronáutica, e não possui um aeroporto com instrumentos sinalizadores, já que o avião, com os tripulantes, era de pequeno porte, sobrevoou por cima dele e a alegação é que os pilotos não conseguiram ver a pista de pouso pelo mau tempo no local? Agora, os burocratas, os donos dos poderes federal, estadual e municipal irão em busca de recursos para a instalação dos equipamentos, porém as vidas foram ceifadas pela inoperância e a falta desses instrumentos.

JOSÉ PEDRO NAISSER - SÃO PAULO

>> Por que tentaram usar a Base Aérea de Santos, que se trata de um aeroporto militar que não está liberado para uso civil? Duvido que haja lá equipamentos de navegação por instrumento que ajudem em dias como o do acidente. Os

correligionários do candidato deviam explicar as razões de escolherem a Base Aérea como campo de pouso, e como conseguiram autorização para uso civil ou particular. A Prefeitura do Guarujá e a Aeronáutica também podem explicar.

MARCOS TAVARES - SANTOS

>> O 13 de agosto ficará marcado na história do País e da cidade de Santos. Eu estava em hotel próximo ao local e ouvi o ronco de motor forte e barulho de hélice, rodando muito mais rápido e terminando com grande estrondo que, dizem, estremeceu imóveis próximos ao local. Pelas imagens e traços técnicos, mostrados na TV, a atitude do piloto foi de um herói, perdendo a vida, mas salvando várias famílias no entorno do local do acidente. Testemunhas dizem que ele desviou de prédios para não bater. Rezemos e oremos por todos tripulantes de aeronaves que morreram no trajeto ao seu trabalho.

WILSON GERMANO JR. - SANTOS

>> Um jatinho, voando em alta velocidade, estatela-se exatamente no quintal de duas casas em uma região densamente povoada da cidade de Santos, ocasionando a morte (infelizmente) dos seus tripulantes e passageiros e avarias materiais aqui e acolá em algumas residências. Poderia ter sido uma tragédia, levando-se em consideração que atualmente não há muitos quintais na Cidade. Alguns afirmam que houve perícia do piloto ao “escolher” um espaço vazio na imensa floresta de prédios. Ad-

mitindo-se a habilidade exercida em tão poucos minutos, entendo que as mãos e a inteligência do piloto foram manipuladas por um outro piloto, que tem o poder de tudo dirigir. Outros atribuem ao fato uma obra do acaso. No meu vocabulário, o termo acaso tem um outro nome.

JOÃO ROMÃO GOMES FILHO - SANTOS

>> Especular sobre o acidente que levou a vida de Eduardo Campos não adianta mais. Mas especular sobre a precariedade dos aeroportos secundários brasileiros, sim. O aeroporto de Santos, uma cidade que possui o porto mais importante do País, que fica entre morros e é sempre envolta em nuvens dificultando a visibilidade, não possui aparelhos de aproximação que em países desenvolvidos existem até em aeroportos particulares. Imaginem o que não acontece no resto do País?

BEATRIZ CAMPOS - SÃO PAULO

Desculpe, erramos

Na matéria “Conaportos aceita armadores”, publicada na página C-1 da última quinta-feira, houve um erro na declaração do presidente da Praticagem de São Paulo, Paulo Sérgio Barbosa. A afirmação correta é “Seria preciso uma profundidade de 18 metros”. Ele fez referência, especificamente, à profundidade necessária para garantir que navios com calado máximo de 13,2 metros trafegassem sem restrições em aproximadamente 90 a 95% do ano.

Tribuna Livre

MARIA APPARECIDA FRANCO PEREIRA. Professora.
 cidaunisantos@gmail.com

Memória do Colégio Canadá

O querido Colégio Canadá, fundado em 1934, chegou aos 80 anos! Legiões de alunos devem estar trazendo à memória dias de grandes tensões de estudo exigente, mas também de lembranças felizes de convivência com mestre, colegas e funcionários, nas atividades de salas de aula, laboratório, biblioteca, quadras esportivas, cantina, salão de festas, palco.

Quem aqui escreve é ex (?) canadense que durante nove anos (1949-1954) viveu os melhores anos de sua juventude nos bancos escolares e nas quadras esportivas do Colégio e que depois atuou algum tempo como professora. Minhas ligações com o colégio também se deram na militância da Paróquia do Senhor dos Passos, quando alunos e seus familiares tinham uma relação educativa com essa igreja vizinha, fundada na década de 1960, sob o Concílio Vaticano II.

Minha eterna gratidão a essa instituição escolar que continua com o compromisso de legar às gerações futuras a historiografia de aspectos dessa longa trajetória do colégio, orientando Trabalhos de Conclusão de Curso de História ou dissertações de Mestrado da Unisantos. O Liame (Laboratório de Informação e Arquivo da Memória da Escola) armazena esses estudos e material escolar doado.

A comunidade canadense a desfilar na minha lembrança é grande! Outros poderão encomprar essa estrada: professores Solon de Luce-



na, Ruth La Scala, Celia Zaragoza, Zulmira Lambert, Yolanda Baldia, Guaraná Rodrigues, Júlio Guimarães Sampaio, Luiz Pinho, Yolanda Quadros, Leda Bauer, Paulo Siqueira, Walkiria Mori, Cida Forti, P. Geraldo Miranda, Avelino Vieira, Irmã Ruth Montenegro, P. Waldemar Valle Martins, Maria de Lourdes Mazzeo, Esperança Galvão, Maria Fonseca, Arina Baeta, Frenor Pereira, Luiz Carranca Rebouças, José Carlos Azevedo, Maria Celeste Pereira Leite, Marcus Vinícius, Marilza Pereira, Itagyba Mariuzzo, Enequina Fraga, Edésio Del Santoro; funcionários Sultana Mauá, Cacilda Aly, Ligia Goulart, d. Narcisca, Amanda.

Ao comemorarmos, saudosos, não queremos trazer de volta aquele “templo” do saber. Os tempos, as necessidades e as exigências são outras. Hoje, a escola no Brasil (e no mundo) busca a sua identidade em outras formas de cumprir sua sagrada missão.

Para tal, o sonho imediato é ver no Canadá um museu moderno com Centro de Documentação onde em uma sala ou salas se pudessem lembrar as várias épocas e gerações de professores, funcionários e alunos, em suas atividades escolares, com fotos, troféus, flâmulas, escritos pessoais, cadernos, livros etc. A Faculdade de Educação da USP tem um Centro de Memória da Escola; o Liame, embora iniciante, mostra que é possível recolher esses materiais, quando seus proprietários não sabem onde os colocar. Recentemente, fui ao Museu da Cidade da Prefeitura de Praia Grande, onde Monica Solange Rodrigues (nossa ex-aluna de História) organiza o setor da memória escolar que merece ser visitado. Pensamos também no acervo do Novo Milênio e nas redes sociais.

No Colégio Canadá, nessa atividade não formal, mas escolar, estaríamos contribuindo para formar novas gerações no amor à escola e na responsabilidade de construí-la cada vez melhor. A inovação tem suas raízes e inspiração também na tradição. Há uma legião de canadenses que poderiam estar empenhados nesse projeto, um presente para o centenário de 2034!